

Introdução

Durante as vinte e quatro horas de cada dia, as ondas das emissoras de rádio¹ ampliam e repercutem as teias de vínculos que possibilitam a organização da vida social. Considerando que os sons repercutem por todo o corpo dos homens, procuramos compreender de que maneira as ondas veiculadas pelas emissoras de rádio facilitam a vinculação dos cidadãos e sincronizam os diversos fios de tempo que se entrecruzam na vida de uma cidade.

Para compreendermos esses processos de vinculação utilizamos a contribuição teórica de Harry Pross, especialmente a complementaridade entre mídia primária², mídia secundária e mídia terciária. Por mídia primária o autor compreende todos os processos de comunicação – gestuais, olfativos, sonoros e outros – nos quais o corpo não utiliza aparatos ou ferramentas para se comunicar. Na mídia secundária, um dos corpos envolvidos no processo de comunicação utiliza um aparato comunicativo, como nos meios impressos. Na chamada mídia terciária, ainda segundo Pross, todos os corpos envolvidos nos processos comunicativos precisam de ferramentas, como acontece nos meios eletrônicos. Nesse contexto, entendemos que o rádio, um *medium* que veicula sons que envolvem todo o corpo, tem a capacidade de vincular os corpos e, em conjunto com outros *media*, possibilitar a sincronia dos diferentes ritmos das sociedades complexas.

Quando as ondas sonoras repercutem ao redor de todo o corpo, tanto na comunicação primária como no *medium* rádio, lembramos que a audição funciona como sentido central dos sentidos humanos: “... pelo tato sente-se somente dentro de si próprio, dentro do órgão; a visão nos coloca longe de nós mesmos, a audição se encontra no meio, como mediadora” (Plessner *in* Gadamer e Vogler, 1977: 15).

¹ Texto apresentado ao NP 06 – Rádio e Mídia Sonora do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. José Eugenio de Oliveira Menezes. Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Docente e pesquisador do CIP - Centro Interdisciplinar de Pesquisas da Faculdade Cásper Líbero. Pesquisador do CISC – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. Endereço eletrônico: jemenezes@uol.com.br

² De acordo com Harry Pross, “a função primordial da mídia é a de sincronizadora de uma sociedade” (Pross *apud* Baitello, 1997: 102). Pross, cientista político e cientista da comunicação, nasceu em Karlsruhe, Alemanha, em 1923. Atuou como jornalista no *Deutsche Rundschau*, de 1955 a 1960, dirigiu o departamento de jornalismo da *Rádio Bremen* de 1963 a 1968 e foi professor de Política da Comunicação do Instituto de Comunicação da Universidade Livre de Berlim no período de 1968 a 1983. Um amplo estudo a respeito dos conceitos de mídia primária, secundária e terciária, bem como o mapeamento das relações entre eles, podem ser encontrados em *Atrapados en la red mediática. Orientación en la diversidad* (Pross e Romano, 1999).

Os vínculos como dinâmica dos seres vivos

Utilizamos a palavra vincular para nos referirmos a laços que unem dois espaços³. Vincular no sentido de, como proposto por Baitello, “se ter ou criar um elo simbólico ou material, constituir um espaço ou um território comum; a base primeira para a comunicação” (1997: 86).

Tanto na perspectiva filogenética como na perspectiva ontogenética, observamos que os animais utilizam códigos que permitem a vinculação como dinâmica de sobrevivência dos seres vivos. Entendemos que os processos comunicativos são construções de vínculos que agregam ou segregam indivíduos.

Pelo fato das redes de vínculos tornarem impossível a vida sem relações, Michel Serres propôs a expressão “eu me religo, logo sou” para substituir a expressão cartesiana “eu penso, logo existo” (Serres, 2003: 248). Ainda nessa linha lembramos que o sociólogo Norbert Elias, em *A Sociedade dos Indivíduos*, também mostra que “o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade. (Elias, 1994: 31)

Nessa perspectiva, observamos que o *medium* rádio participa dos múltiplos processos de vinculação que constituem as sociedades e seus múltiplos tempos. Um simples “bom dia para nossos ouvintes” não indica apenas o nascimento do Sol, mas sugere de forma envolvente uma rede de símbolos, um universo simbólico que trabalha com narrativas que investem de sentidos os múltiplos tempos dos habitantes de uma cidade. É o que observamos, por exemplo, quando na abertura do *Jornal da Manhã*, a Rádio *Jovem Pan* de São Paulo embala os ouvintes com a força da letra e da música de *Amanhecendo*, uma canção composta em 1974 por Billy Blanco e orquestrada por Francisco de Moraes. Através das ondas da emissora, os ouvintes são provocados a criar nexos e sentidos, imaginar um conjunto de cenas nas quais estão insertos, explicitar um cenário urbano com ampla articulação entre os ritmos do rádio e os ritmos dos habitantes da cidade.

A inserção em uma teia de vínculos, que marca o uso do *medium* rádio, nos permite compreender que cada indivíduo participa da comunicação; mais do que ser sua origem ou

³ Estamos diante da possibilidade de “pensar o espaço vago entre dois seres como o útero da comunicação, o elo de união entre duas pessoas ou universos. O espaço aparentemente vazio da comunicação é gerador de terceiros universos que, por sua vez, transformam os dois outros originais” (Baitello 1998: 6).

ponto de chegada, cada cidadão integra um imprevisível modelo orquestral de comunicação⁴.

Os vínculos e os múltiplos tempos

Através de uma grade de programação composta por diferentes gêneros radiofônicos, como jornalístico, entretenimento musical e ficcional, publicitário ou propagandístico, o *medium* rádio funciona como um sistema comunicativo com a função ordenadora. Pelo fato dos vínculos serem mantidos somente quando regularmente alimentados pela repetição ou pela inovação informacional, o rádio expressa um pulsar rítmico reiterador do tempo; ajuda a articular o tempo de cada indivíduo com o tempo coletivo, tal como ocorre nas narrativas míticas. Ao “cada um por si” do tempo psicológico, como frisa Krzysztof Pomian, “os tempos coletivos opõem, na ordem esparsa, o seu *um por todos*” (Pomian, 1993: 13).

Como exemplo da mistura das vozes e tempos veiculados pelo rádio, destacamos a série de *reportagens especiais* intitulada *São Paulo de ponta a ponta*, produzida pela jornalista Vera Lúcia Fiordoliva e veiculada, em 1999, pela Rádio Eldorado de São Paulo. Na série de reportagens, a jornalista assume o papel de narradora⁵ que conduz o público pelos ouvidos até as paisagens sonoras do centro e dos extremos Leste, Norte, Sul e Oeste do Estado de São Paulo.

Percebemos as paisagens⁶ dos diversos locais através de sons característicos: o *crack crack* das patas de caranguejos e os sons dos golfinhos da Ilha do Cardoso (Sul) ou o início de uma cavalgada ao redor do obelisco que, no município de Dourado, marca o centro do Estado de São Paulo.

⁴ O modelo orquestral de comunicação foi estudado por Yves Winkin, especialista nos trabalhos da Escola de Palo Alto, para criticar a previsibilidade do modelo funcionalista marcado por estímulos e respostas entre emissores e audiência (Winkin, 1998:34).

⁵ Encontramos um amplo estudo a respeito da arte de narrar em *O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (Benjamin, 1994: 197-221). Lembramos que o presente texto - na interação entre rádio, comunicação e cultura - é uma das formas de estudar o rádio e outras mídias sonoras. Em um mapeamento a respeito das pesquisas sobre rádio no Brasil observamos pelo menos cinco tendências: rádio e história, rádio e política, manuais radiofônicos, rádio e tecnologia e, finalmente: rádio, comunicação e cultura (Menezes, 2004a). Um panorama completo da diversidade desse campo em construção pode ser encontrado na obra *O Rádio na Era da Informação. Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo*, de Eduardo Meditsch, pesquisador do NP Rádio e Mídia Sonora da Intercom (Meditsch, 2001:45-48).

⁶ Utilizamos o conceito *paisagens sonoras* na perspectiva desenvolvida Schafer: “Paisagem sonora. O ambiente sonoro. Tecnicamente, qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos. O termo pode referir-se a ambientes reais ou a construções abstratas, como composições musicais e montagens de fitas, em particular quando consideradas como um ambiente” (2001: 36). No original inglês o autor faz “um jogo de palavras intraduzível para o português: *soundscape*, em oposição a *landscape*: uma imagem auditiva substitui a visual. Mantém-se a idéia comum de quadro, cena” (Valente, 2003: 225).

As personagens, que expressam *trânsitos sonoros* entre o interior do Estado, local das gravações, e a capital, local onde estão os estúdios da emissora e a maioria dos ouvintes, são caracterizados com detalhes: o ‘monte’ de filhos das mulheres que moram na Ilha do Cardoso, os mateiros que contam histórias do caçador que virou uma onça pelo avesso na Serra da Carioca (Município de Bananal, extremo Leste) ou os amigos dos pescadores que das margens do Rio Paranapanema (Oeste) saúdam os tripulantes que passam. As reportagens desafiam o paulistano a captar a dimensão ecológica de cada região onde a areia é gostosa e cheia de conchinhas (Sul), os gafanhotos são vendidos como isca e os raios avermelhados do sol iluminam a água pura (Oeste), onde só chega de trator barulhento (Leste), onde uma orquídea é conhecida como “papo de moça”(Norte) e também onde há muita cana de açúcar (Centro).

Pequenos gestos são expressos de uma forma que mais parece uma conversa ao redor do fogão à lenha: pular um córrego, lançar a rede, mover-se no barco, espantar as capivaras que atravessam a estrada, experimentar um espeto de churrasco, tomar banho no rio e ouvir narrativas dos pescadores.

As reportagens especiais, quando veiculadas, são precedidas de informações técnicas anunciadas pelo âncora da emissora. Esse profissional apresenta os dados mais técnicos, mantém a formalidade da informação e convida o ouvinte a captar a força, a leveza ou a graça das reportagens. Como a audiência é rotativa, as histórias não perdem a força do inusitado, mesmo quando são reapresentadas nos diversos jornais de uma mesma jornada da emissora. Os tempos dos moradores do interior do Estado se misturam aos tempos dos ouvintes da grande metrópole.

A série de reportagens especiais *São Paulo de ponta a ponta* é capaz, na nossa avaliação, de criar um mundo próprio com o material sonoro de que dispõe, partilha o estado de ânimo da narradora e das personagens, descreve o caráter dos protagonistas, exhibe a desenvoltura e a amabilidade da repórter, cria com seus próprios recursos um universo acústico da realidade e, por isso, tem o poder de seduzir os ouvintes. Os sons não têm um fim em si mesmos; de acordo com Maurice Halbwachs, “são vias de acesso ao sentido, aos sentimentos e às idéias expressas, ao meio histórico ou às imagens delineadas” (1990:186).

Nesse exemplo de reportagem veiculado pelo rádio, percebemos a importância dos trânsitos sonoros da cultura do ouvir, a dinâmica das vozes dos protagonistas (narradores ou entrevistados) e a possibilidade da multiplicidade de paisagens sonoras⁷.

Um outro exemplo de trânsitos sonoros entre os tempos de indivíduos que residem em diferentes regiões, encontramos na série de reportagens *Adultos Precoces*, a respeito do trabalho infantil, produzida pela jornalista Filomena Salemme e veiculada, em 2001, pela Rádio Eldorado. Em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, a repórter encontrou crianças que passavam o dia fazendo caixas de tomate e recebendo cinco centavos por caixa. Depois da veiculação da reportagem, Gedeão Andrade, de dez anos, que perdeu o olho direito quando construía caixas de tomates, foi a primeira criança brasileira a ter uma carteira de trabalho assinada e receber uma aposentadoria por invalidez.

Através de reportagens como as citadas, o ouvinte da cidade percebe-se inserto em paisagens sonoras que remetem às vozes de outras pessoas distantes, porém, vinculadas diante dos mesmos microfones e alto-falantes, dos mesmos sonhos e desafios. Sons e ritmos que reverberam. Vínculos sonoros entre mídia primária e terciária. Corpos e sons, antes e depois dos equipamentos.

Estimulados ou anestesiados por tantos sons ou ruídos da cidade e das emissoras de rádio, os indivíduos se vinculam⁸. Experimentam as tramas de diversos tipos de tempos: o tempo cronológico⁹ e o tempo mitológico, o tempo lento como força dos pobres e o tempo veloz como poder dos ricos; o tempo criado pelos homens e o tempo que como trama cultural também cria o homem; o tempo subjetivo e o tempo objetivo que criamos e experimentamos como um dos símbolos que vivem mais que os homens.

Os vínculos no tempo do ouvir

⁷ O programa “O Teatro do Mundo – A Canção”, veiculado pela Rádio USP (FM 93,7), é um outro exemplo de universo acústico com o poder de envolver os ouvintes; um embrião de uma estética radiofônica que um dia, possivelmente, também encontraremos em um maior número de emissoras comerciais. O programa é apresentado por Ciro Marcondes Filho. Disponível em <www.usp.br/radiosp>. Acesso em 10 jun.2005.

⁸ Uma ampliação da vinculação proporcionada pelo meio rádio, que analisamos nesse trabalho, pode ser encontrada na obra de Joachim-Ernst Berendt. De acordo com o autor, “se o som gerado pelas cordas vocais para criar a rede vibratória do universo tem a faculdade da sintonização total é porque ele nos une à sinfonia cósmica” (Berendt, 1997: 47). Tal perspectiva é um fértil campo de estudos a partir dos processos de vinculação aprimorados pelo rádio no contexto do resgate da cultura do ouvir.

⁹ De acordo com Murray Schaffer, “a radiodifusão ocidental é tiranizada por um instrumento que nós aceitamos como inviolável: o relógio. O rádio hoje é a pulsação de uma sociedade organizada para a máxima produção e consumo” (Schaffer *apud* Zaremba e Bentes, 1999: 21).

Na cultura do ouvir, que também experimentamos sob a forma radiofônica, os cenários não estão prontos, as imagens não estão definidas. Os sons provocam a criação de cenários mentais, geram imagens endógenas que, ao contrário das imagens exógenas, não precisam de suportes, conforme frisa Hans Belting¹⁰. Questionando os excessos da cultura do ver, foi Dietmar Kamper que, no verbete *Fantasia* da edição italiana da *Enciclopedia Antropologica*¹¹ perguntou: “É possível dissolver a fixação espacial do olho? Não se devem reforçar as capacidades do ouvido”?

Essas capacidades do ouvido foram, a partir de diferentes enfoques, estudadas pelos primeiros pesquisadores do meio. Bertolt Brecht (1898-1956), no conjunto de textos preparados entre 1927 e 1932, reunidos sob a denominação *Radiotheorie* ou *Teoría de la Radio* na versão espanhola, já lembrava que o rádio, conforme suas características técnicas, deveria “deixar o ouvinte falar, assim como sabe fazê-lo ouvir” (Brecht, 1981, 89). Analisando sua radiopeça *Vôo Transoceânico* ou *Vôo Transatlântico*, apresentada durante um festival de música realizado em 1929, em Baden-Baden, Brecht propôs uma espécie de rebelião por parte do ouvinte e sua reabilitação como produtor.

Walter Benjamin (1892-1940), que atuou como autor, crítico, moderador e locutor de emissões radiofônicas, na peça *O que os alemães liam enquanto seus clássicos escreviam* (1932) mostrou a importância das personagens e das paisagens sonoras criadas pelas radiopeças pedagógicas. O autor concebeu programas marcados pela força da palavra e pela reduzida utilização da sonoplastia para aprimorar a formação da capacidade de julgar por parte dos ouvintes. Considerava que a crescente qualidade da reprodução técnica do som conquistava para si “um lugar próprio entre os procedimentos artísticos” (Benjamin, 1985, 167).

Rudolf Arnheim publicou o clássico *Rundfunk als Hörkunst* (1936), traduzido para o espanhol como *Estética Radiofónica*, para mostrar que o rádio não deve ser estudado como um simples aparato transmissor, mas como um “meio para criar, segundo suas próprias leis, um mundo acústico da realidade” (1980:88). Enfatizou que nada falta à emissão

¹⁰ Os conceitos de imagens endógenas e imagens exógenas, estudados por Hans Belting, podem ser encontrados no texto *Publicidade e imagem: a visão e seus excessos* (Baitello in: Contrera e Hattori, 2003 : 77-82).

¹¹ As traduções dos verbetes *Fantasia*, *Corpo* e *Imagem*, de Dietmar Kamper para a *Enciclopédia Antropológica*, organizada por Wulf, podem ser encontradas na biblioteca digital do CISC. Disponível em: <www.cisc.org.br>. Acesso em: 7 set. 2004.

radiofônica, pois sua essência consiste precisamente em nos oferecer a totalidade, não apenas o audível. Isso porque, a obra radiofônica é capaz de “criar um mundo próprio com o material sensível de que dispõe, atuando de maneira que não é necessário nenhum tipo de complemento visual”(1980: 86).

Na cultura do ouvir, somos desafiados a repotencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros, ampliar o leque da sensorialidade hoje limitado à visão, resgatar a beleza das histórias contadas pela jovem Xerazade. Ir além da racionalidade que tudo quer e precisa ver, para adentrar numa situação onde todo o corpo possa ser tocado pelas ondas¹² de outros corpos, pelas palavras que reverberam, pela canção que excita, pelas vozes que vão além dos lugares comuns e tautologias midiáticas.

A cultura do ouvir se expressa através do que chamamos mestiçagens sonoras, um espaço de negociação entre as diferenças, um espaço de porosidades que permeiam, por exemplo, as formas de entonação e sotaque com que as pessoas falam a própria língua ou uma língua estrangeira. Os sons, percebidos nas diversas mídias sonoras, tocam o mundo e acariciam – ou incomodam – os nossos corpos. Por isso, como percebemos as vibrações sonoras com toda a pele, não somente pelo tímpano, podemos dizer que as emissoras de rádio são muito mais espaços de misturas comunicativas do que simples meios de comunicação.

Considerações finais. Resgate da cultura do ouvir.

Da mesma forma como Benjamin propôs a necessidade de se escovar a história a contrapelo¹³, indagamos a respeito da possibilidade de percebermos que as mestiçagens sonoras pedem uma audição a contrapelo.

Ouvir a contrapelo pode significar uma eventual captação de sentidos e nexos, mesmo quando sabemos que muitas emissoras apresentam uma programação de qualidade questionável? Pode indicar a sensibilidade para se captar criticamente o significado de um programa que anuncia produtos não recomendados pelo Ministério da Saúde? Mostrar, entre os anseios pela acolhida calorosa de uma casa, a sensibilidade para se ouvir um programa que promete, por preços módicos, terrenos não legalizados? Compreender a

¹² Christoph Wulf observa que enquanto a vista reduz o mundo a uma imagem bidimensional, através do ouvido se transmite a tridimensionalidade do espaço (2001:463). Berendt também observa que o âmbito da visão é a superfície e que o âmbito da audição é a profundidade (Berendt, 1997: 21).

¹³ Nas teses *Sobre o conceito de história* Benjamin considera que tanto a cultura como seu processo de transmissão não estão isentos da barbárie e propõe a tarefa de se “escovar a história a contrapelo” (1994: 225).

necessidade de ir além da recursividade entre canções mais “pedidas” pelos ouvintes e/ou mais insistentemente divulgadas pela força dos jabás?

Ouvir a contrapelo pode nos ajudar a perceber a diferença entre os programas religiosos que expressam possíveis forças humanizadoras de uma crença e os programas similares que conduzem a uma inevitável resignação diante dos problemas cotidianos? Ou então, possibilitar a compreensão dos complexos vínculos lúdicos e sonoros cultivados quando, por repetidas vezes, a narração de um gol torna empolgados, críticos, emocional e fisicamente saudáveis, ou sedados, os torcedores que comemoram as conquistas de seus clubes de futebol? Ou ainda percebemos a importância de uma política pública de comunicação que privilegie a diversidade cultural e o caráter educativo que poderia abrir as emissoras para as riquezas sonoras das comunidades que as sintonizam?

A necessidade de se ouvir a contrapelo pode nos ajudar a perceber o que Dietmar Kamper entende pelo paradoxo de se “pensar contra o próprio pensamento e viver com a cabeça partida”. Vivendo em sociedades complexas, que privilegiam a cultura do ver e o excesso de imagens, percebemos que o rádio participa da recuperação da sensorialidade dos corpos e perguntamos a respeito da necessidade de se resgatar a importância dos vínculos sonoros da cultura do ouvir.

Referências bibliográficas

ARNHEIM, Rudolf. *Rundfunk als Hörkunst. Estética radiofónica*. Tradução de Manuel F. Blanch. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.

BAITELLO, Norval. *O animal que parou os relógios*. São Paulo: Annablume, 1997.

BAITELLO, Norval. “Publicidade e imagem: a visão e seus excessos”. In: CONTRERA e HATTORI (Org.). *Publicidade e Cia*. São Paulo: Thonson, 2003.

BAITELLO, Norval. “A cultura do ouvir”. In: ZAREMBA, Lilian. (Org.) *Rádio Nova: Constelações na Radiofonia Contemporânea 3*. Rio de Janeiro: UFRJ/Publicque, 1999. Disponível em < www.cisc.org.br >. Acesso em 10 out. 2005.

BARBOSA FILHO, André. *Gêneros radiofônicos. Os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003.

BENJAMIN, Walter. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” e “Sobre o conceito da História”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. Col. Obras Escolhidas. Vol. 1.

BENJAMIN, Walter. “O que os alemães liam enquanto seus clássicos escreviam”. In: *Documentos de cultura. Documentos de barbárie. Escritos escolhidos*. Seleção e apresentação de Willi Bolle. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986.

BERENDT, Joachim-Ernst. *Nada Brahma. A música e o universo da consciência*. Tradução de Zilda Schild e Clemente Mahl. São Paulo: Cultrix, 1997.

BLANCO, Billy. “Amanhecendo”. *Paulistana. Retrato de uma cidade*. São Paulo: EMI 352837823-2. 1 CD.

BRECHT, E. Bertolt F. *Radiotheorie*. “Teoria de la radio”. In: BASSETS, Luís. *De las ondas rojas a las radios libres. Textos para la historia de la radio*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

BRECHT, E. Bertolt F. “Teorias de la Radio”. In: *Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*. Vol. V, n. 2, maio-ago 2003. Disponível em <www.eptic.com.br>. Acesso em 13 ago. 2004.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FIORDOLIVA, Vera Lúcia. *Estado de São Paulo de ponta a ponta*. São Paulo: Rádio Eldorado, 1999. Fita cassete.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice e Revista dos Tribunais, 1990.

KAMPER, Dietmar. “Fantasia”. In: WULF, Christoph. *Cosmo, corpo e cultura. Enciclopedia Antropológica*. Milano: Bruno Mondadori, 2001. Biblioteca digital do CISC. Disponível em: <www.cisc.org.br>. Acesso em 7 set. 2004.

KAMPER, Dietmar. *O trabalho como vida*. São Paulo: Annablume, 1998.

MEDITSCH, Eduardo. *O Rádio na Era da Informação. Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo*. Florianópolis: Insular/Editora da UFSC, 2001.

MENEZES, José Eugenio de O. *Vínculos Sonoros. O rádio e os múltiplos tempos: as vozes da cidade*. Tese de doutorado. ECA/USP. São Paulo, 2004a.

MENEZES, José Eugenio de O. “Rádio, memória e cidade”. In: CONTRERA, M.; GUIMARÃES, L.; PELEGRINI, M. e SILVA, M. (Orgs.) *O espírito do nosso tempo. Ensaios de semiótica da cultura e da mídia*. São Paulo: Annablume/CISC, 2004.

MENEZES, José Eugenio de O. “Processos de mediação: da mídia primária à mídia terciária”. In: *Communicare*. Vol. 4, n. 1, 1º sem. 2004. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero/Editora Paulus, 2004. p.27-40.

MORIN, Edgar. *O Método 5. A humanidade da humanidade. A identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

PLESSNER, H. “Antropológica dos sentidos”. In: GADAMER, H.G. e VOGLER, P. *Nova Antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural*. São Paulo: EDUSP/EPU, 1997. Vol. 7. p. 1-44.

POMIAN, Krzysztof. *Tempo/Temporalidade*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993. Col. Enciclopédia Einaudi. Vol. 29.

PROSS, Harry e ROMANO, Vicente. *Atrapados en la red mediática. Orientación en la diversidad*. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 2000.

SALEMME, Filomena. *Adultos precoces*. São Paulo: Rádio Eldorado, 2001. Fita cassete.

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos. Filosofia dos corpos misturados*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SERRES, Michel. *Hominescências. O começo de uma outra humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPERBER, George Bernard. *Introdução à peça radiofônica*. São Paulo: EPU, 1980.

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

VALENTE, Heloísa de Araújo Duarte. *As vozes da canção na mídia*. São Paulo: Via Lettera/Fapesp, 2003.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo*. Organização e apresentação de Etienne Samain. São Paulo: Papirus, 1998.

WULF, Christoph. *Handbuch Historische Anthropologie*. Stuttgart: Beltz, 1998.

WULF, Christoph e BORSARI, Andrea (Orgs.) *Cosmo, corpo, cultura. Enciclopedia antropologica*. Milano: Bruno Mondadori, 2001.